

**Jorge Andrade e a formação:
A história como dramaturgia.**

Berilo Luigi Deiró Nosella
UNIRIO
Mestre
Doutorando do PPGAC-UNIRIO

Resumo: Historicamente, na década de 1930 inicia-se o projeto de implantação de uma República Democrática Moderna no Brasil. Tal momento encontra-se embalado pelo sentimento (e idéia) do Nacionalismo, que vem acompanhando esse processo de (auto) afirmação nacional no mundo desde 1780, e por uma idéia (e sentimento) mais brasileira: a da Formação.

No âmbito cultural, a obra de Antonio Cândido instaura-se como grande marco do pensamento sobre a Formação de nossa literatura e a de Décio de Almeida Prado, em termos teóricos e historiográficos, em relação ao nosso teatro.

Talvez não haja, em nossa história, nenhum outro pensamento próprio que tenha influenciado de forma tão profunda e duradoura nosso fazer artístico e cultural: no caso, nosso fazer teatral. O pensamento sobre a Formação, apenas como exemplo, definiu de forma quase inconsciente toda nossa compreensão do conceito de Teatro Moderno, conseqüentemente de Teatro Moderno Brasileiro, de Teatro Brasileiro, e até mesmo de Teatro; também determinou grandes empreendimentos artísticos nacionais como a criação da EAD e do TBC; e, obviamente, influenciou diretamente um dos nossos maiores autores teatrais do século XX: Jorge Andrade.

O que propomos é analisar as correlações entre o pensamento sobre a Formação do Teatro Brasileiro, fundamentalmente presentes nas obras de Décio de Almeida Prado e Alfredo Mesquita, e a dramaturgia de Jorge Andrade, não apenas num âmbito temático, mas sim formal. Ou seja, procurar perceber como um pensamento, como o da Formação, embalado por uma ideologia, como o Nacionalismo, podem apresentar-se como matéria prima das formulações estéticas de um determinado período histórico.

Palavras-Chave: Dramaturgia e História, Formação Estético-Cultural Brasileira, Jorge Andrade

(...) com Gilberto (Freyre) encontrei meu avô e seu mundo morto, com Érico (Veríssimo) descobri um pai impossível e que, com Sérgio (Buarque de Holanda), vou enfrentar a verdade histórica de tudo – terrível verdade, mas a única libertadora.
Jorge Andrade

Jorge Andrade ocupa sem sombra de dúvida o lugar de um dos nossos (se não o maior) maiores dramaturgos moderno, o que procuraremos fazer aqui é demonstrar que esse lugar se dá não só pelas características particulares de Jorge como dramaturgo mas também por ser ele o grande dramaturgo de nossa Formação. Isto tanto pelo contexto histórico em que o dramaturgo está inserido (1922-1984); quanto pela interlocução do autor (Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr, Antonio Cândido e, obviamente, Décio de Almeida Prado que foi seu professor na EAD); quanto por fazer desta seu tema dramático central. No caso da presente comunicação, verificaremos como a noção de “sentido” histórico,

tão própria do pensamento sobre a formação e expressa por Caio Prado Jr. em sua obra *Formação do Brasil Contemporâneo*, materializa-se na obra dramaturgica de Jorge Andrade.

A obra de Jorge Andrade busca constantemente a resposta à pergunta: “Quem sou eu?”. Porém, trata-se, para o autor, não de um “Quem sou eu?” existencial, mas sim coletivo. Jorge sabe que não pode responder a essa pergunta sem entender quem são todos aqueles que o formam, como indivíduo e como brasileiro. Na obra de Jorge Andrade, à pergunta “Quem sou eu?” se lê “Quem somos nós, brasileiros?”

A obra de Jorge segue um fluxo de seu espaço de infância – como um espaço que se perdeu –, encontrando-se com a memória familiar e, por fim, com uma outra memória, esta social, que se amplia para todo um espaço mais amplo, rural, e para as classes ligadas a esse espaço e que com ele desapareceram da história do Brasil. Numa outra etapa, ela se amplia a novos contatos de memória no mundo urbano. Assim sendo, a obra de Jorge Andrade “avança para o passado”, ou seja, para nossa Formação.

A motivação inicial de Jorge Andrade para escrever sua obra é sua experiência. Suas primeiras peças são exatamente aquelas que tratam do chamado Ciclo do Café e sua derrocada com a crise de 29. *A Moratória* é inspirada em seu avô e no seu sofrimento com a perda da fazenda de café. Mas, além dessa experiência individual, Jorge incorpora profundos e longos estudos em documentos históricos, em grande parte em interlocução com Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Posteriormente, impulsionado por essa sede, esses questionamentos se ampliam mais para o passado (Ciclo das Bandeiras Paulistas e o Ciclo do Ouro Mineiro), como se a resposta para a pergunta “Quem sou eu?”, ou “Quem somos nós, brasileiros?” hoje, estivesse lá, no passado.

O outro, o passado do outro, em diálogo com o passado do próprio Jorge, é fundamental para o autor encontrar sua verdade enquanto Jorge Andrade e enquanto brasileiro. No romance-autobiográfico *Labirinto*, são constantes as narrativas de encontros com amigos como Wesley Duke Lee, Érico Veríssimo, Sérgio Buarque de Holanda, Jorge Amado, e como, do contato com cada um deles, um pouco da verdade de si mesmo aparece. Isso acontece num intrincado jogo da memória de cada um que, em determinados pontos, se interligam. A memória individual de Jorge Andrade se constitui a partir do contato com a memória do outro.

Todos esses pontos de interligação também são pontos de História comum entre eles, brasileiros. É, por exemplo, do diálogo com Wesley Duke Lee – que conduz todo o romance – que nasce essa percepção dos pontos em comum do que Jorge chamará do mundo do Tabaco, Açúcar e Café (mundo colonial). É daí que nasce também a comunhão dos crimes desse

mundo, que são históricos e estão presentes em cada um desses personagens, como lhe aponta Wesley nessas duas passagens repetidas a Jorge enumeras vezes no decorrer do romance: “– Nossos antepassados ensinaram os mesmos vícios, cometeram crimes semelhantes!” (Jorge Andrade, 1978: 111) ou então “- Porque, muitas vezes, os crimes não estão no passado imediato, mas no remoto. Não falei que nossos antepassados cometeram crimes semelhantes? Os meus com tabaco e os seus com café?” (Jorge Andrade, 1978: 158).

Em algum sentido, Jorge Andrade estabelece em sua dramaturgia uma linguagem artística para concretizar, e coletivizar, sua memória individual, e ao fazê-lo, se lança inevitavelmente em direção à História, compreendida como o passado de um povo, passado que forma esse povo. Jorge está construindo uma linguagem cênica da Formação do homem brasileiro a partir da experiência da sua própria formação. Para realizar sua matéria dramática, percorre uma trajetória de passagem da experiência de sua memória individual em relação com a memória coletiva de toda uma população paulista que vivenciou as transformações históricas da primeira metade do século XX (crise do café, industrialização e forte urbanização). Jorge Andrade encontra-se inevitavelmente com a questão da Formação, sua e de todo um país. E é dessa trajetória que nasce a matéria cênica de Jorge Andrade. A busca de si mesmo, como busca do “sentido” de um povo. Sentido tanto como direção histórica quanto como significado. Esse “sentido”, apontado por Caio Prado Júnior, está impregnado na obra de Jorge Andrade, porém, como “cronista” que é, este aparece dos emaranhados dessa história, do interno dela. É exatamente dos pormenores da história individual do autor que esse “sentido” histórico de um povo aparece:

Buscando a mim mesmo e o meu chão na engrenagem da sociedade moderna, tentei fixar o drama do homem e da terra paulista dentro da história brasileira (Jorge Andrade, 1978: 218-219).

O importante é percorrer o labirinto, e não encontrar o final, a saída, livrar-se dele. Trata-se de percorrê-lo, para incorporá-lo e torná-lo de fato parte de si mesmo. Jorge descobre o real sentido histórico de sua obra: a procura. E ao descobri-lo, percebe o próprio sentido da memória e da história de um povo. Recordamos, vivenciamos nosso passado e apreendemos nossa história, não para nos livrar dela, nem para revivermos constantemente o passado, mas para incorporarmos, de fato, nossa memória e nossa história, tornando-as parte de nós; e assim, completos, finalmente possamos viver o presente, caminhando inteiros em direção ao futuro. A percepção da Formação, a consciência do nosso “sentido”, está no próprio processo

histórico como tradição. Não uma tradição que permanece estática como um monumento (reacionária), nem que se reinventa do nada a cada instante, mas que avança e se transforma no presente, a partir do passado, em direção ao futuro.

Duas personagens de Jorge são chave na representação desse movimento: Marta, como já dito, personagem-espectadora condutora do Ciclo, que, logo na primeira peça, *As Confrarias*, convida-nos para a trajetória que se inicia: “MARTA: Venha! Há pessoas que me esperam... em toda parte. (*passa o braço no ombro de Martiniano*) No trecho de estrada em que caminharíamos juntos, contarei a você – e a quem quiser ouvir – a verdadeira estória de meu filho. Eu também gosto de plantar...!” (Jorge Andrade, 2007: 70) e, na última, *O Sumidouro*, encerra o Ciclo: “MARTA: Procurar... procurar... procurar... que mais poderia ter feito...?” (Jorge Andrade, 2007: 594) ; e Joana, personagem de sua peça *O Milagre da Cela* (Peça que não integra o ciclo e que é escrita depois dele já concluído), que trata da prisão e da tortura em regimes totalitários (isso em plena ditadura militar no Brasil). É como se, encerrada a trajetória do Ciclo, do passado, agora o presente passasse a ser o foco fundamental. Encarar o presente como forma de construir um futuro, novo, diferente. Como expresso em seu diálogo com Bento Prado Jr em visita a Catedral de Chartres. Diante da grandiosidade da Catedral, Jorge declara:

- Sabe o que ela me lembra, Bento? O homem, a grande face do homem!
- Mas sem assinatura. Ninguém sabe quem a arquitetou, mas foi o povo de Chartres quem a construiu, foi ele quem trabalhou a pedra e a colocou” (Jorge Andrade, 1978: 217-218).

A visita a essa Catedral, retratada ao final do romance, é chave no processo de encerramento do Ciclo, de compreensão de seu “sentido”. É chave na descoberta do homem, no seu sentido coletivo, no seu sentido histórico:

Com Marta encerra-se um Ciclo, de busca ao passado; com Joana, inicia-se outro, de encontro com o presente a caminho do futuro. Do ponto de contato entre as duas personagens, da totalidade da obra, mesmo que dividida em Ciclos, é que nasce o sentido Histórico da obra de Jorge Andrade, o “sentido” da Formação Brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Jorge. **Marta, A Árvore e o Relógio**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Labirinto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ARANTES, Luiz Humberto Martins. **Do Passado ao Presente**: história, textos e cenas no teatro de Jorge Andrade. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, 2003.

ARANTES, Paulo Eduardo. “Providências de um Crítico Literário na Periferia do Capitalismo”. In ARANTES, Otília B. F. **Sentido da Formação**: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CAIO PRADO JR. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 21ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos 1750-1880. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

PRADO, Décio de Almeida. **O Teatro Brasileiro Moderno**. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

RABETTI, Maria de Lourdes (Beti Rabetti). “Presença Musical Italiana na Formação do Teatro Brasileiro”. In **ARTCULTURA**: V 9, n. 15, 2007 – Uberlândia: UFU.

SZONDI, Peter. **Teoria do Drama Moderno**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.